

Elizabeth Strout

O meu nome
é Lucy Barton

Tradução de Rita Canas Mendes

ALEAGUARA


*Para a minha amiga
Kathy Chamberlain*



Houve uma altura, e isto passou-se há muitos anos, em que tive de ficar hospitalizada durante quase nove semanas. Foi em Nova Iorque e, à noite, da minha cama, era possível ver directamente o Edifício Chrysler, com o seu cintilar geométrico. Durante o dia, a beleza do edifício dissipava-se e, gradualmente, tornava-se apenas outra grande estrutura contra o céu azul, e todos os edifícios da cidade pareciam distantes, silenciosos, longínquos. Estávamos em Maio, seguiu-se Junho, e lembro-me de ficar de pé a olhar pela janela para o passeio lá em baixo, a ver as raparigas — da minha idade — com as suas roupas de Primavera, a desfrutarem das suas horas de almoço; conseguia ver-lhes as cabeças a mexerem-se durante as conversas, as blusas a ondularem na brisa. Pensei em como, quando saísse do hospital, nunca mais caminharia pelo passeio sem dar graças por ser uma dessas pessoas, e durante muitos anos fi-lo — lembrava-me da vista da janela do hospital e rejubilava com a calçada sob os meus pés.

Ao início, tratou-se de uma história simples: eu tinha ido ao hospital para me tirarem o apêndice. Ao fim de dois dias, deram-me comida, mas não consegui digeri-la. E depois veio a febre. Ninguém conseguia isolar bactéria alguma ou perceber o que correra mal. Nunca ninguém percebeu. Recebi líquidos por um cateter e antibióticos por outro. Estavam ambos ligados a um suporte metálico assente em rodas vacilantes que eu arrastava comigo, mas cansava-me com facilidade. No início de Julho, fosse o que fosse que me tinha acometido, o problema desapareceu.

Mas, até essa altura, mantive-me num estado muito estranho — uma expectativa febril, literalmente — e que me custou bastante. Tinha um marido e duas filhas pequenas em casa; tinha imensas saudades das minhas meninas, e preocupava-me tanto com elas que isso estava a deixar-me mais doente ainda. Quando o meu médico, por quem sentia uma grande afeição — era um judeu de maxilar protuberante, com uma tristeza suave a pesar-lhe sobre os ombros, cujos avós e três tias, ouvi-o dizer a uma enfermeira, haviam sido mortos nos campos, e que tinha mulher e quatro filhos adultos aqui em Nova Iorque —, quando este senhor amoroso, creio, sentiu pena de mim, certificou-se de que as minhas filhas — de cinco e seis anos — poderiam visitar-me, caso não tivessem qualquer doença. Elas foram trazidas ao meu quarto por uma amiga da família, e vi que traziam as carinhas sujas, tal como o cabelo, e então empurrei o suporte de soro até ao chuveiro, na companhia de ambas, mas elas exclamaram:

— Mamã, estás tão magrinha!

Estavam mesmo assustadas. Sentaram-se comigo na cama enquanto eu lhes secava o cabelo com uma toalha, e depois fizeram desenhos, mas com apreensão, isto é, sem se interromperem uma à outra a cada minuto dizendo «Mamã, mamã, gostas disto? Mamã, olha o vestido da minha princesa fada!» Falaram muito pouco. A mais nova, em especial, parecia não conseguir dizer nada, e, quando a abracei, vi-lhe o lábio inferior a revirar e o queixo a tremer; ela era uma coisinha mínima, a esforçar-se muito por ser valente. Quando se foram embora, não fui à janela para as ver partir com a minha amiga que as trouxera e que não tinha filhos.

O meu marido, naturalmente, andava atarefado a tratar da casa, mas também ocupado com o seu emprego, e nem sempre lhe era possível visitar-me. Quando nos conhecemos, disse-me que detestava hospitais — o pai

morrera no hospital quando ele tinha catorze anos —, e agora percebia o que ele quisera dizer com aquilo. No primeiro quarto que me deram havia uma idosa moribunda ao meu lado; chamava por auxílio constantemente — eu ficava chocada com a indiferença dos enfermeiros, enquanto ela bradava que estava a morrer. O meu marido não suportava aquilo — quer dizer, não suportava visitar-me ali — e diligenciou para que me mudassem para um quarto individual. O nosso seguro de saúde não abrangia aquele luxo, e cada dia que passava era um golpe nas nossas finanças. Fiquei grata por já não ouvir a pobre mulher a berrar, mas teria sentido vergonha se alguém soubesse quão sozinha me sentia. Sempre que uma enfermeira vinha medir-me a febre, tentava que ela se demorasse alguns minutos, mas as enfermeiras estavam ocupadas, não podiam simplesmente ficar ali à conversa.

Cerca de três semanas depois de eu ter sido internada, num fim de tarde, desviei o olhar da janela e dei com a minha mãe sentada numa cadeira aos pés da minha cama.

— Mãe? — disse eu.

— Olá, Lucy — respondeu-me. A sua voz parecia tímida, mas carregada de urgência. Inclinou-se para diante e apertou-me o pé por cima do lençol. — Olá, Wizzle — disse ela. Eu não via a minha mãe há anos, e não conseguia parar de a fitar; não conseguia perceber por que motivo parecia tão diferente.

— Mãe, como vieste cá parar? — perguntei.

— Oh, meti-me num avião. — Agitou os dedos e eu percebi que estávamos ambas demasiado emotivas. Então acenei de volta e deixei-me ficar deitada. — Penso que vais ficar bem — acrescentou, com mesma voz tímida mas urgente. — Não tenho tido sonhos.

Ela estar ali, a usar a minha alcunha, que eu já não ouvia há séculos, fez-me sentir quente e liquefeita, como se a minha tensão tivesse sido uma coisa sólida e agora já não

o fosse. Geralmente, eu acordava à meia-noite e tinha um sono inquieto ou então, bem desperta, ficava a ver pela janela as luzes da cidade. Mas, naquela noite, dormi sem interrupções e, de manhã, a minha mãe estava sentada no mesmo sítio onde estivera no dia anterior.

— Não importa — disse-me quando perguntei. — Tu sabes que não durmo muito.

As enfermeiras ofereceram-se para lhe trazer um catre, mas ela fez que não com a cabeça. Sempre que uma enfermeira se oferecia para lhe trazer um catre, ela recusava. Ao fim de um tempo, deixaram de perguntar. A minha mãe ficou comigo cinco noites e nunca dormiu noutro lado que não a sua cadeira.

Durante o nosso primeiro dia juntas, falámos de forma intermitente; acho que nenhuma de nós sabia ao certo o que fazer. Perguntou-me algumas coisas acerca das minhas filhas, e eu respondi, com o calor a subir-me à cara.

— Estão fantásticas — disse. — Oh, simplesmente fantásticas.

Sobre o meu marido, a minha mãe não fez qualquer pergunta, embora — ele disse-mo ao telefone — tivesse sido ele quem lhe havia ligado, quem tinha pago o bilhete de avião, quem se oferecera para a ir buscar ao aeroporto — a minha mãe, que nunca antes andara de avião. Apesar de dizer que apanharia um táxi, apesar da sua recusa em encontrar-se com ele cara-a-cara, o meu marido ainda lhe tinha dado indicações e dinheiro para chegar até mim. Agora, sentada numa cadeira aos pés da minha cama, a minha mãe também nada disse sobre o meu pai, e eu também não falei acerca dele. Estava sempre à espera que dissesse «O pai deseja-te as melhores», mas não disse.

— Foi assustador apanhar um táxi, mãe?

Hesitou, e eu vi o pânico que a deve ter acometido quando saiu do avião. Mas respondeu:

— Tenho boca na cara, usei-a.

Ao fim de uns momentos, disse-lhe:

— Estou muito contente por estares aqui.

Sorriu brevemente e olhou na direcção da janela.

Isto foi em meados da década de oitenta, antes dos telemóveis, quando o telefone bege junto à minha cama tocava e era o meu marido — a minha mãe percebia, estou certa, pelo modo lamentoso como eu dizia «Olá», como se estivesse prestes a chorar — e a minha mãe se levantava da sua cadeira em silêncio e saía do quarto. Imagino que nessas alturas fosse comer qualquer coisa à cafetaria ou ligasse ao meu pai de um telefone público instalado ao fundo do corredor. Eu nunca a via comer, e presumo que o meu pai se preocupasse com a segurança dela — tanto quanto sabia, não havia qualquer problema entre eles. Depois de ter falado com cada uma das minhas filhas, de ter beijado o bocal do telefone uma dúzia de vezes, de me ter voltado a recostar na almofada e fechado os olhos, a minha mãe regressava de mansinho ao quarto, porque, quando abria os olhos, lá estava ela.

Naquele primeiro dia, falámos do meu irmão, o mais velho dos três, solteiro, que vivia em casa com os meus pais, apesar dos seus trinta e seis anos, e da minha irmã mais velha, que tinha trinta e quatro e que morava a quinze quilómetros dos meus pais, com o marido e cinco filhos. Perguntei se o meu irmão estava empregado.

— Não tem trabalho — disse a minha mãe. — Passa a noite com qualquer animal que vá ser morto no dia seguinte. — Perguntei-lhe o que tinha dito, e repetiu-mo. Acrescentou: — Ele vai para o celeiro dos Pedersons e dorme ao lado dos porcos que vão ser levados para o mata-douro.

Fiquei surpresa ao ouvi-lo, e disse-lho, e a minha mãe encolheu os ombros.

A seguir, falámos das enfermeiras; a minha mãe deu-lhes logo nomes: «Tosta», a magrinha que era seca no

trato; «Dor de dentes», a mais velha, sempre desolada; «Criança séria», a índia com quem ambas simpatizávamos.

Mas eu estava cansada, e então a minha mãe começou a contar-me histórias sobre pessoas que tinha conhecido há vários anos. Falou de um modo de que eu não me lembrava, como se uma pressão de sentimentos e de palavras e de observações tivesse estado comprimida dentro dela durante anos, e a sua voz era ferosa e despreocupada. Por vezes, eu dormitava, e, quando acordava, pedia-lhe que voltasse a falar. Mas ela dizia:

— Oh, Wizzledee, precisas do teu repouso.

— Estou a repousar! Por favor, mãe. Conta-me coisas. Uma coisa qualquer. Fala-me da Kathie Nicely. Sempre adorei o nome dela.

— Oh, sim. A Kathie Nicely. Nossa, ela acabou mal.